

a b c - QUE É A CULTURA ?

"SOL NASCENTE" inicia hoje, com esta secção uma modalidade nova de contacto com os seus leitores. Sendo freqüente recebermos numerosas cartas de amigos nossos que nos sugerem assuntos para artigos, que fazem perguntas acerca de escritos publicados nas nossas colunas, e que desejam saber a nossa opinião sobre temas ainda não focados na nossa revista, pareceu-nos útil criar uma página de iniciação destinada a estabelecer um mais íntimo convívio com aqueles que nos escrevem. É claro que não preten demos, nem isso nos seria possível, responder nesta secção a todas as perguntas, nem dar satisfação a todas as sugestões. Por isso nos limitaremos a consagrar a nossa atenção àquelas que, pelo seu carácter geral, nos pareçam mais dignas de interesse.

Escreve-nos um leitor a perguntar se a cultura é o mesmo que a posse de extensos conhecimentos, como dá a entender a expressão *pessoa culta* referida a quem tirou um curso ou leu muitos livros, ou se é alguma gymnastica do espirito que habilite a duvidar de tudo e a nada aceitar sem prévia critica.

Porque este assunto nos parece de muito interesse, entendemos dever tratá-lo nesta secção.

A palavra cultura é empregada nos mais diversos sentidos, o que muito dificulta a sua compreensão àquelas a quem ela se depara simultaneamente usada para exprimir diferentes ideias.

Por cultura entende-se, em primeiro lugar, o conjunto formado pelo património científico, literário e artístico da humanidade. A cultura é, neste sentido, aquele conjunto de bens que representam para a humanidade o lado intelectual da evolução do homem através dos séculos.

Por cultura entende-se, em segundo lugar, o estado de desenvolvimento geral das artes, das letras, das ciências, do direito, da moral, etc., num dado momento histórico. E' neste sentido que se diz por exemplo que «os gregos atingiram um estado elevado de cultura». Usa-se assim a palavra cultura como sinónima de civilização.

Por cultura entende-se, em terceiro lugar, não o conhecimento de moções fossilizadas nos livros ou a arte de fazer malatarismos com conceitos, mas uma certa relação, inteligente e viva, com a realidade. O homem culto é aquele que adere à totalidade do real: compreende os factos políticos, como compreende as realizações artisticas; aprecia um quadro como aprecia um poema; é capaz de explicar um romancista, como é capaz de criticar um raciocínio.

Temos assim três conceitos de cultura: no primeiro, cultura significa o património científico, artístico e literário

da humanidade; no segundo, significa o estado de civilização de um povo; no terceiro, uma certa atitude do homem perante a realidade.

O primeiro conceito é muito importante. Quem o apreendeu bem sabe que a cultura representa naquele sentido todo o capital acumulado no campo das ciências, das letras e das artes.

Para alguns o passado, em que se contam todas as expressões da arte e do pensamento, nada vale; para outros, só ele vale. Os primeiros renegam a cultura em bloco, viram as costas ao passado, pretendendo tudo fazer de novo; os segundos são os tradicionalistas, que mantem o homem para a vida do presente e do futuro, conferindo uma importância ridícula à pura contemplação do passado. Para nós, humanistas consequentes, o passado é digno de atento estudo, porque o presente não se compreende sem ele e sem se compreender o presente não pode aspirar-se a prever o futuro. Aceitamos toda a obra de cultura do passado; mas nada nos obriga a aceitá-la passivamente sem a compreendermos e a explicarmos. No passado há de tudo: realizações importantes e realizações sem valor. Mas, porque é que umas são importantes e outras sem valor? Porque umas se mostram verdadeiras, eficazes, certas, à face da experiência histórica e outras falsas, inadequadas, excedidas pela própria realidade do seu tempo (1). Portanto, honramos a cultura do passado; e assim nos separamos dos que pura e simplesmente a rejeitam; mas não a honramos por ser do passado, antes por ser parte integrante da evolução humana; e assim nos afastamos do culto do passado pelo passado. Esta posição confuz-nos a termos a consciência de que continuamos o passado. A cultura de hoje,

da humanidade; no segundo, significa o estado de civilização de um povo; no terceiro, uma certa atitude do homem perante a realidade.

(1) Continúamos responder em breve nesta secção a uma pergunta sobre o que é a verdade.

a cultura renovada e arejada pelas fontes da vida, a cultura não deshumanizada por que pugnamos—não é senão o prolongamento da cultura que nos precedeu.

A segunda noção de cultura também tem o seu interesse. Preferimos porém exprimi-la pela palavra civilização, a fim de evitar dúvidas.

O terceiro sentido que atribuímos à palavra cultura é de todos o mais importante e o que oferece mais dúvidas. Quando falamos em promover o aparecimento de uma autentica cultura e quando nos referimos ao direito que todos têm a cultura, que queremos significar?

Poderia parecer, à primeira impressão, que a cultura neste sentido é o mesmo que um estado da mentalidade, qualquer coisa de puramente subjectivo e individual. Poderia ter-se concluído das nossas antecedentes palavras que homem culto é o que pensa por si, ajulza por si e é capaz de deleitar-se contemplando as obras de arte. Poderia supor-se que para nós o homem culto é apenas aquele que tem o espirito bem formado, o homem sensato e prudente. Por outras palavras: poderia ser-se levado a pensar que a cultura é uma qualidade pessoal das pessoas chamadas cultas, uma disposição do espirito, um certo estilo de inteligência ou coisa semelhante.

Nada disso. Para nós a cultura não é uma qualidade de certos homens; é uma relação.

Não há cultura sem compreensão da realidade, sem apreensão do real. Homem culto—dissemos atrás e repetimo-lo—é o que adere à totalidade do real. Não é, portanto, o que opni e logo apod vud 'suopjup soppjquq uq vjrapxe as e a todos uma sebe de arame farpado, como defeza critica. Não, o homem culto não é o gymnasta da razão pura, crítico dos pés à cabeça.

Tampouco é culto aquele que se limita a encher a cabeça de conhecimentos ou que se limita a seguir um curso. Os «cérebrros de entulho» de que falou o Sr. António Sérgio nada têm a ver com a cultura.

Homem culto é o que identifica com a realidade, a penetra e a compreende: não é o que parte da critica feita de questões de palavras e habilidades polémicas para a compreensão da vida; mas o que parte da realidade, da vida para a critica impiedosa de todas as construções ilusionistas e mistificadoras. O homem culto é este; na base da verdadeira cultura está uma apreensão do real—da totalidade do real.

Mas—e com este complemento vamos esclarecer algumas dúvidas—o real não é composto apenas por campos lavrados e serranias, pelos muros sujos das fabricas, pelo hori-

zonte limitado que se avista por detraz de uma máquina de costura ou de escrever, pela vastidão do mar ou pela tristeza da mina. Na composição do real entram outros elementos integrantes, outras paisagens e outros países, e a vida é também impregnada de ideologias. A arte, a literatura e a ciência—são outras tantas manifestações da vida.

Pergunta-se agora: como pode a maioria dos indivíduos aspirar a cultura, isto é, a uma apreensão da totalidade do real, a uma relação, portanto, com a totalidade do real se essa totalidade lhe não é dada? Como podem os homens incultos deixar de o ser, se não virem filmes, se não lerem livros, se não visitarem exposições, se não percorrerem museus, se não frequentarem escolas e se não ouvirem conferencias?

Els aqui saltando aos olhos as razões evidentiíssimas porque chamamos obra de cultura a toda a realização destinada a dar a conhecer a totalidade do real.

Pode perguntar-se porque não nos empenhamos em fazer de cada indivíduo candidato a cultura um esgrimista de raciocínios, preparado para compreender o mundo. A resposta é simples: é que nós sabemos que a critica só é conhecimento, porque o conhecimento é critica. De outra maneira: é que nós não ignoramos que o essencial é conhecer, porque todo o conhecimento é critica. Conhecer é penetrar as contradições do real, é conhecer as contradições que definem todas as coisas. Ora, conhecer essas contradições é implicitamente pronunciar um juizo critico sobre elas. Um exemplo. Conhecer o mundo contemporâneo é conhecer a sua contradição essencial: a contradição entre os processos técnicos e as fontes de energia que permitem realizar a abundancia e o bem estar para todos, e a miséria de milhões de desempregados e de homens fazendo vida sub-humana. Conhecer esta contradição é julgar as condições que a mantem e que a todo o custo impedem que ela seja ultrapassada.

Por tudo o que fica dito se vê que, para nós, os homens só poderão ser cultos quando lhes seja dado acesso a todas as zonas da realidade. Só quando a maioria dos indivíduos puder beneficiar de todos os instrumentos de conhecimento do real poderão ser em verdade cultos, quere dizer, poderá estabelecer-se entre eles e o mundo uma relação viva e fecunda. Isto mostra claramente que a cultura é uma realidade social e não uma disposição ou estrutura do espirito puramente individual.

A cultura é um elemento de integração da vida completa; e a vida, completa ou amputada, é sempre vida social. A cultura não é um mistério, uma coisa estranha e íntima; é uma tensão social, uma relação viva e dinâmica entre os homens e a realidade.

na linha quebrada da nossa época...

1
A tragédia que se desenrolou na margem do Vouga, quando se deram as últimas chelas, deu origem a fados. O caso não é único e até nos parece natural. Um jornal da provincia, porém, e algumas pessoas que têm mais apêgo aos mortos do que aos vivos, consideraram esses pobres cantores como «asquerosos» e «miseráveis exploradores do público ignorante», chegando mesmo a pedir às autoridades que fôsem «inexoráveis» aplicando-lhes «um correctivo severo».

Tais senhores não sabem o que é a vida desses pobres fadistas. Quando se chega a esse estado de miséria, só é possível comer aproveitando os momentos em que a dor abre a bolsa dos que podem dar. E' o que se dá sempre depois dos entêrros... Ora, no que deviam pensar o jornal provinciano e as pessoas que se apressaram a insultá-los, era em dar ou trabalhar para que fôsse dado a esses nossos semelhantes o que é preciso para cantarem de forma mais alegre e sã.

Nós temos estudado a história da vida humana com muito interesse e amor e nunca vimos que se tivesse conseguido fazer um verdadeiro melhoramento na condição humana com essas proverbiaes e estúpidas applicações de... «correctivos severos»...

2
Atenas, com as suas trezentas famílias dirigentes e com cinco milheiros de escravos,—não era uma democracia. A Inglaterra, onde 2,5 % da população detem 66 % da riqueza nacional, não é tampouco uma democracia.

Estas realidades farão reflectir a muitos que andam iludidos e que quereu iludir os outros...

3
O ator dos «Estados Desunidos» apresenta como típico da vida de milhões de americanos, este facto: Um automóvel ia para uma cidade. Encontrou na rua um desempregado que pediu que o levasse. Uma vez na cidade de destino o automobilista perguntou onde queria ficar. E ele respondeu: —Em qualquer parte.

Quere dizer: o que ele queria era mudar, ficar naquela ou noutra cidade e era indiferente pois que iria certamente continuar a percorrer as ruas à procura, sempre cada vez mais só e menos seguro de si mesmo. Porque este é outro estado que nos assalta nesses momentos—a desconfiança acerca

do nosso próprio valor. Não será verdade que somos realmente falhados por nossa culpa? Mas no fim de contas surge sempre a certeza de que a culpa não é nossa.

4
Para aqueles que são forçados a viver a vida nos seus mais desconcertantes aspectos, está perfeitamente certo dizer-se que a realidade é terrível. Temos visto, por exemplo, chorar muitos fracassados, muitas vezes estudantes dos cursos secundários e superiores, pessoas que nunca encontraram mares de rosas... E perante cada caso destes, nós, que julgamos conhecer os processos de solução para as questões actuais mais salientes, sentimos a impotência do homem só, mesmo quando ele sabe o que tem de fazer. Claro que não seguimos a tática de reformisante tradicional: consolar. Pelo contrário: procuramos chamá-los à consciência da sua força, precisamente no instante em que se nos revelaram mais fracos. Aí, estávamos lado a lado sem disfarces—momento verdadeiramente épico da história de todos os simples. E' certo que não solucionámos os seus problemas nesses momentos—porque era impossível e isso mesmo lhes mostrámos—mas trans-

mitimos-lhes um feixe de princípios sãos e eficazes, um pouco de consciência... Haveria outro acto humano mais próprio para esses casos concretos? Tivemos ocasião de verificar que a sinceridade e conteúdo das nossas palavras, fizeram surgir uma esperança muito grande—talvez a única capaz de secar todas as lágrimas.

5
Encontramos há tempo um sujeito muito embaraçado por causa duma máquina de costura. Mas a máquina nada tinha—nem podia ter—de sobrenatural. Era movida a electricidade como muitas que vão agora aparecendo e o referido sujeito estava aflito porque com o seu emprego, milhares e milhares de costureiras deixarão de trabalhar. Mas não se julgue que a emoção dele era causada pela situação das costureiras. E todos sabem que essa situação tem peorado sempre, desde que se inventaram as primeiras máquinas. O que é certo é que a applicação da electricidade às máquinas de costura, com todas as consequências que trará, é uma fortíssima arma que o género humano adquiriu para libertar milhões das suas mulheres.